
Apresentação

Arte, afetos, articulações: formas de estar e se conectar no mundo

Leandro de Oliveira e Roberto Marques

Este volume da revista *Tendências* contempla – além de uma seção de artigos com um escopo um pouco mais abrangente – um dossiê que explora as interseções entre três eixos temáticos bastante significativos no campo das ciências sociais: a arte, a emoção e o poder. Escrever uma apresentação para estes textos foi para nós uma experiência emocional singular, que combinou um sentimento de responsabilidade com sensações inegáveis de satisfação e prazer. Falamos em responsabilidade considerando que o papel de resenhar e mediar contribuições tão plurais e tão densas, fazendo jus ao pensamento dos autores, é um desafio para qualquer comentador. Ao mesmo tempo, ficamos extremamente contentes ao constatar que, além da qualidade plural dos estudos aqui coligidos, é possível identificar ressonâncias, pontos de contato e encaixes entre estes textos.

Hoje, na segunda década do século XXI, é possível dizer que a emoção é um tema que desfruta de crescente atenção nas ciências sociais. Esta atenção ao tema da emoção possui afinidades eletivas com motivações subjacentes às próprias carreiras científicas, do modo

como estas vieram se configurando desde meados do século XIX. Duarte (2004) destaca a existência de uma “pulsão” romântica subjacente ao engajamento em certas carreiras no campo das ciências humanas, que se faria sentir com especial força na antropologia. A colisão dessa pulsão romântica com um projeto iluminista de ciência ensejaria os dilemas de um “universalismo romântico”: uma espécie de senso “missão”, vocação ou chamado – misturado em grau maior ou menor a esforços objetivistas de “apreensão” do mundo, com ênfases variáveis conforme distintas tradições e linhagens teórico-conceituais. A atenção às dimensões ditas subjetivas da vida social, de modo geral – e à “emoção”, em particular – floresceu nesta tensão criativa entre romantismo e universalismo. É provável que muitos cientistas sociais experimentem, em sua trajetória, algo no mínimo comparável a um “chamado” vocacional ao comprometimento com sua carreira. Afinal, o que nos impede de mudar de profissão? Seria meramente o investimento prévio de tempo e recursos – a âncora da razão prática – que manteria cientistas sociais atrelados a seu campo ocupacional?

A ciência é uma ocupação singular. Embora se assente frequentemente na ficção da objetividade, a ciência *apaixona*. Poderíamos fazer um paralelo aqui com o comentário de Coelho (2006, p.18-19) sobre este aparente “despropósito” que era o Kula trobriandês, relatado por Malinowski (1976): uma troca ininterrupta de objetos inúteis, que no entanto, mobiliza, envolve e absorve afetivamente seus participantes. Cientistas, em seus currículos acadêmicos, colecionam – alguns talvez com maior paixão do que outros – as palestras e artigos por meio das quais circula o saber cuja posse temporária é por eles exercida em cada apresentação pública. Talvez parte do mistério deste

compromisso emocional de seus praticantes derive do prestígio que os pesquisadores extraem de sua atividade, do reconhecimento pelos pares ou outros interessados e, quem sabe, da relativa satisfação que lhe é associada. Mas talvez também do simples fato de que, como todo e qualquer engajamento, a ciência *articula e conecta*. A *téchne* do cientista social, como a do artista, jamais poderia ser uma atividade solitária: fazemos parte do mundo em que vivemos, e somos atravessados pelos laços que constituímos com aqueles que se encontram ao nosso redor. E tais vínculos – seja com interlocutores em uma pesquisa de campo, com colegas pesquisadores e/ou com membros da sociedade mais abrangente – nos *afetam*. A vontade de saber do profissional da ciência nunca é totalmente inocente, desinteressada ou desmotivada. Para além dos contrastes e oposições possíveis entre estas duas formas de atividade, este poderia ser considerado um ponto em comum entre a ciência e a arte. Cientistas, assim como os artistas, buscam diferentes formas de *(re) conhecimento*: querem intervir, mudar o mundo, decifrá-lo ou devorá-lo perante esta plateia atenta formada por seus próprios pares e pelos demais usuários e consumidores das representações que fabricam.

Mas se estas atividades apaixonantes – arte e ciência – são, em nossa cultura, investidas do poder de impregnar aquele que as exerce com graus variáveis de prestígio, também podem funcionar como um comentário contra certas estruturas de prestígio. Comentário que carrega em si a possibilidade de resistência ou insurgência contra poderes estabelecidos: descrições, análises, sínteses, imagens, não são meros retratos do mundo, são acréscimos ao mundo. Aqui emergem os contornos de um projeto iluminista de intervenção, transformação e

melhoramento do mundo através da produção de conhecimento – às vezes de forma sub-reptícia, como um cenário ou pano de fundo para a performance pessoal do pesquisador, às vezes como um motivo central e insistente que comparece na experiência dos próprios pesquisadores, tal qual um tema na arquitetura de uma sinfonia, conferindo a esta uma possível unidade.

Os textos coligidos neste volume carregam o tom deste tipo de conhecimento parcial e *situado*. Vários dentre estes ensejam também reflexões sobre seu processo de produção que oferecem oportunas contribuições para a comunidade acadêmica em geral, para pesquisadores interessados em certos temas específicos e para o processo de formação de novos cientistas sociais.

A coletânea se inicia com um breve e denso ensaio da antropóloga Maria Cláudia Coelho, que partindo de uma deixa colocada a partir do filme *Anthropology on Trial*, reflete sobre sua experiência etnográfica entre estudantes de teatro no Rio de Janeiro dos anos 1980. Partindo da reação de um dos participantes da pesquisa ao texto produzido, Coelho reflete sobre um dos dilemas intrínsecos ao trabalho etnográfico: ao desprevermos as realidades dos outros como “construções”, “representações”, “percepções”, “visões de mundo particulares a um determinado grupo”, podemos estar inadvertidamente negando a convicção que estes têm que suas “percepções” não são visões pessoais e posicionadas, mas expressão do mundo “como ele realmente é”.

Em seguida, Gustavo Ramos Ferreira apresenta um relato etnográfico da *Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio*, no município de Barbalha/CE. O texto, além de esboçar considerações interessantes

sobre certas formas ritualizadas e jocosas de expressão de agressividade entre os homens participantes, tece diversas reflexões acerca do uso da fotografia na observação participante. É no papel de fotógrafo que o pesquisador entra em campo – uma posição que lhe possibilita construir um lugar e certo modo de engajamento na cena.

O terceiro artigo, da etnomusicóloga Maria Goretti Fernandes de Oliveira, aborda o fazer musical entre comunidades pentecostais evangélicas e católicas na cidade do Rio de Janeiro, a partir de observação participante conduzida pela autora. O artigo apresenta o modo como concepções acerca do “dom da música” se entrelaçam a visões da técnica musical e a critérios de percepção estética no universo estudado, destacando a centralidade de categorias emocionais na fala dos entrevistados sobre suas experiências musicais. Paralelamente, a autora reflete sobre o modo como sua entrada em campo foi marcada por sua posição como professora de música. Deste modo, salienta dilemas decorrentes do contato com uma cultura musical que, embora distinta da sua própria, buscava apropriar-se – de forma quase antropofágica – dos recursos técnicos oferecidos pela tradição musical ocidental erudita/hegemônica e colocá-los a serviço do aperfeiçoamento do dom musical concedido por Deus.

Os excessos sentimentais, na literatura do século XVIII e entre os jovens admiradores do estilo musical *emotional hardcore* na virada das décadas de 1980; 90 e início do século XXI, são as pistas seguidas pelo antropólogo Raphael Bispo para refletir sobre o lugar do romantismo na cosmologia ocidental. A partir do texto clássico de Goethe, Os sofrimentos do jovem Werther, e de músicas da banda *My Chemical Romance*, o autor

mostra como as ideias de interioridade, paixão, sofrimento, bem como as descrições espaciais e vivências metaforizadas a partir das imagens de morte e luto conferem expressão à experiência amorosa ocidental, utilizando para isso aproximações narrativas entre objetos culturais supostamente díspares.

Em seu instigante artigo, Beatriz Wey se detém sobre as relações entre teatro e política. Se as habilidades de distanciamento e observação de si são fontes da própria condição do ser humano, teatro e política estariam irmanados pela consolidação de um espaço experiencial para essa concepção. A autora faz desse cotejamento entre ação e atuação na política e no teatro, a fonte para sua reflexão, retomando fontes diversas como: autores clássicos da definição de política, experiências de teatro político na América Latina, teóricos do teatro e pensadores contemporâneos sobre recepção para pensar a definição de teatro político .

O artigo de Rachel Rocha tematiza trajetórias e experiências de travestis e transexuais engajadas no mundo do teatro, na cidade de São Paulo. Explorando uma teoria nativa produzida por ideólogos do próprio mundo do teatro – que o representa como espaço de vanguarda e transformação de convenções sociais – a autora apresenta, com bastante sensibilidade, a percepção cultivada por suas entrevistadas, de que o mundo do teatro teria sido para elas um espaço de possível reconhecimento e sucesso. O ingresso no mundo da arte é representado, nas falas das participantes, como momento decisivo em suas trajetórias: o teatro proporcionaria a elas a possibilidade de constituição de uma nova imagem de si e um novo horizonte de projetos, em oposição às

vicissitudes vivenciadas na sociedade mais abrangente.

Tatiana Siciliano, no último texto do dossiê, reflete sobre a construção cultural das emoções em uma instigante análise sobre os sentidos atribuídos à noção de “felicidade” no discurso de pessoas que mudam de carreira ao longo de sua trajetória profissional. Os depoimentos sobre “deslocamentos profissionais” voluntários analisados pela autora apontam para a busca da felicidade como valor cultural motivador que impele à mudança, a despeito dos riscos e de eventuais perdas salariais que tais redirecionamentos eventualmente acarretam. O artigo sinaliza para a existência de uma homologia entre estes discursos sobre a carreira e a lógica cultural do consumo moderno, em que os deslocamentos profissionais intencionais – que assim como os atos de consumo, podem implicar significativo custo econômico para o sujeito – se apresentam como forma de auto-expressão e de afirmação de controle sobre si e sobre a própria vida. Em um contexto cultural no qual a profissão não é vista como papel dissociável do cerne do *self*, mas como parte inalienável do *self*, o deslocamento ocupacional associado a projetos pessoais de felicidade é o modo pelo qual estes sujeitos imprimem um sentido a sua própria existência.

Na sequência, temos dois artigos representativos de provocadoras reflexões construídas, respectivamente, nos campos da antropologia e da ciência política. A antropóloga Fátima Weiss reflete sobre dilemas vivenciados em sua experiência de campo na cidade de São Paulo em uma “Igreja Inclusiva”. Igrejas Inclusivas são grupos religiosos evangélicos liderados por gays e lésbicas e constituídos por fiéis LGBT, que reinterpretam a Bíblia afirmando que a homossexualidade

não é um pecado. A autora problematiza dilemas decorrentes das interpelações de que foi alvo, através das quais o grupo buscava mapear seu lugar social – notadamente, questionamentos levantados sobre sua orientação sexual e sua identidade religiosa. Ao longo do artigo, a autora desloca a reflexão do campo ou mesmo sobre a observação participante como metodologia para uma percepção da observação participante como prática reflexiva, que vai dando contorno aos sujeitos da pesquisa e também ao antropólogo e o que seria supostamente seu campo. O artigo explora, assim, o desafio que é, para o pesquisador, demonstrar para os “nativos” que estes estão sendo “levados a sério”, sem maquiar eventuais fronteiras que se configurem na entrada do campo, e ciente do caráter dinâmico destas mesmas fronteiras, da possibilidade de que as experiências vividas em campo possam afetar o pesquisador e lhe abrir novos horizontes de compreensão e interlocução com os membros do grupo estudado.

David Simões retoma em seu artigo uma série de cartas escritas por José de Alencar nos anos de 1860. Como nos ensina o autor, a partir das Cartas de Erasmo, podemos perceber o papel ocupado por José de Alencar na retomada conservadora ocorrida nessa época de intensas transformações políticas e sociais. José de Alencar concebe a partir de tais cartas um personagem, Erasmo, que aconselha o monarca, ora dirigindo-se ao próprio rei, ora ao povo, ora a algum político influente na época. É curioso que o escritor o faça a partir de um personagem, retomando, no conjunto de trabalhos presentes nesse número da revista *Tendências*, a aproximação entre teatro e política, entre arte e formas de concepção e encarnação do mundo.

As últimas contribuições à presente coletânea são duas traduções de textos inéditos em língua portuguesa – elaboradas por Leandro de Oliveira, inicialmente visando o uso didático em disciplinas e atividades de orientação conduzidas por ele na graduação da URCA. Estes textos foram aqui incluídos considerando seu potencial interesse para estudantes e professores de Ciências Sociais, assim como suas articulações em potencial com vários dos artigos deste volume.

O texto “Notas de campo na pesquisa etnográfica” é o primeiro capítulo de um manual sobre etnografia publicado pela editora da Universidade de Chicago, assinado por Robert M. Emerson (Professor Emérito do Departamento de Sociologia da Universidade da Califórnia em Los Angeles/ UCLA), Rachel Fretz (Professora do departamento de Composição Escrita, *Writing Center and Writing Programs* da UCLA) e Linda L. Shaw (Professora do Departamento de Sociologia da Universidade do Estado da Califórnia em San Marcos/ CSUSM). Somos gratos a Perry C. Cartright, da editora da Universidade de Chicago, por ter gentilmente concedido autorização para a publicação desta tradução e nos ajudado a obter a permissão dos autores. O texto, problematiza diversos problemas teórico-metodológicos importantes para o fazer etnográfico na contemporaneidade, destacando – dentre outros aspectos – que a etnografia não deve expurgar do texto as experiências emocionais vivenciadas pelo pesquisador, almejando uma suposta neutralidade científica. Pelo contrário: o etnógrafo deve procurar inscrever suas reações emocionais no texto, de modo a poder refletir sobre elas, e sobre eventuais mudanças que ocorram em sua percepção. Os autores endossam a visão de que o pesquisador é exposto, em sua própria corporalidade, ao ambiente social que deseja compreender,

estabelecendo laços seletivos e formas específicas de participação com algumas pessoas neste ambiente. Estas experiências serão passadas para o papel através de opções e estilos de escrita específicos – e um dos argumentos centrais dos autores é que a escrita nunca representa um mero registro de fenômenos reais em si mesmos. A escrita, para o etnógrafo, é expressão de uma sensibilidade continuamente afetada devido às conexões estabelecidas com o outro no campo. As escolhas feitas na redação, na conversão destas experiências em documento, engajam as percepções e afetos do pesquisador em processos de seleção, interpretação e construção social da realidade. A inscrição que é, deste modo, produzida, possibilita ao leitor formas distintas de se conectar com o mundo social que o etnógrafo transforma através de um processo ativo de (recon)textualização – um processo que se inicia com as primeiras notas de campo tomadas pelo pesquisador.

O volume se encerra com o paper de Johanna Odenwald Unger, “As Belas Artes como fator dinâmico na sociedade”. Johanna Unger era amiga de Lester Frank Ward, membro fundador e primeiro presidente da *Associação Americana de Sociologia*, e foi a primeira mulher a participar desta organização. Como o próprio Ward (1918) narra, no 6º volume de sua autobiografia intelectual, seu contato com Johanna se deu através de uma carta enviada por ela em agosto de 1903, em que esta senhora “germano-americana” se voluntariava para a tarefa de traduzir os originais da *Sociologia Pura* de Ward para a língua alemã. Posteriormente, quando ocorre o primeiro encontro da Associação Americana de Sociologia, Johanna participa do evento apresentando o texto que a revista *Tendências* ora disponibiliza para os leitores de língua portuguesa. O texto consiste em uma crítica feroz à visão da arte como “mera gratificação

do senso estético”: um elogio apaixonado ao poder que esta tem de afetar aqueles que a consomem e, eventualmente, mobilizá-los à ação social. Para a autora, pintura, música, literatura e teatro – notadamente, nas modalidades produzidas na Rússia desde meados do século XIX – revolvem emoções que demandam um escoadouro na ação. Esta seria uma arte que não é feita para “agradar”, mas para golpear, atingir: ela expressaria anseios e horrores de uma nação. A posição da autora é que haveria um paralelo entre este tipo de arte, engajada e comprometida com a vida, e a sociologia preocupada com a transformação da sociedade: de certo modo, uma solução de continuidade entre o romantismo que perpassa estas abordagens artísticas e o “universalismo romântico” que Duarte (2004) assinala como sendo a marca das modernas Ciências Sociais.

Por fim, incluímos ainda uma seção de resenhas, as quais apresentam, para o público leitor do campo das Ciências Sociais e áreas afins, três obras recentes que tematizam questões ligadas a gênero e sexualidade.

Esperamos que os ensaios, artigos, traduções e resenhas reunidos neste número da Revista Tendências possam oferecer uma contribuição à circulação do conhecimento no cenário intelectual brasileiro, através desta seleção de textos alinhados a reflexões da Antropologia, da Sociologia e da Ciência Política.

Referências Bibliográficas

COELHO, Maria Claudia. O Valor das Intenções: Dádiva, Emoção e Identidade. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. A pulsão romântica e as ciências humanas no ocidente. Revista Brasileira de Ciências Sociais. vol.19 no.55 São Paulo, Junho 2004.

MALINOWSKI, Bronislaw. Os Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

WARD, Leslie Frank. Glimpses of The Cosmo: a mental autobiography. New York: London: G. P. Putnam's Sons, 1918.